REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

A NOÇÃO DE ESPAÇO FÍSICO E EXISTENCIAL NA OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE: O LUGAR DAS PERSONAGENS NA NARRATIVA

THE NOTION OF PHYSICAL AND EXISTENTIAL SPACE IN THE LITTLE PRINCE: THE PLACE OF THE CHARACTERS IN THE NARRATIVE

LA NOCIÓN DE ESPACIO FÍSICO Y EXISTENCIAL EN EL PRINCIPITO: EL LUGAR DE LOS PERSONAJES EN LA NARRATIVA

Daniel Ferreira Carvalho[1]

e6127051
https://doi.org/10.47820/recima21.v6i12.7051

PUBLICADO: 12/2025

RESUMO

O livro “O Pequeno Príncipe” (1943), de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), é analisado sob a ótica da noção de espaço, que transcende a mera ambientação, sendo compreendida como espaço físico e existencial. O trabalho propõe analisar a representação desses espaços, manifestada nas interações das personagens e em sua relação com os ambientes que habitam. O objetivo é demonstrar que o espaço é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de temas centrais da obra, como solidão, amizade, responsabilidade e compreensão mútua. A metodologia adotada foi a abordagem interpretativa de passagens que destacam os locais visitados, explorando suas características físicas e seus significados simbólicos. O embasamento teórico incluiu a revisão da literatura e contribuições de Bachelard (2008) e Brandão (2013) sobre o espaço literário, e de Candido (2011) e Rosenfeld (2011) sobre a pertinência das personagens nas narrativas. Os resultados apontam que os planetas funcionam como metáforas para a condição humana, com cada espaço físico servindo como reflexo dos estados emocionais e existenciais das personagens. Conclui-se que a obra utiliza o espaço de forma significativa, convidando o leitor à reflexão universal sobre a vida e o lugar de cada um no universo.

PALAVRAS-CHAVE: O Pequeno Príncipe. Personagens. Espaço físico. Espaço existencial.

ABSTRACT

The book The Little Prince (1943), by Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), is analyzed from the perspective of the notion of space, which transcends mere setting, being understood as physical and existential space. This work proposes to analyze the representation of these spaces, manifested in the characters' interactions and their relationship with the environments they inhabit. The objective is to demonstrate that space is an essential tool for the development of central themes in the work, such as solitude, friendship, responsibility, and mutual understanding. The methodology adopted was the interpretive approach of passages that highlight the visited locations, exploring their physical characteristics and their symbolic meanings. The theoretical basis included the review of existing literature and contributions from Bachelard (2008) and Brandão (2013) on literary space, and from Candido (2011) and Rosenfeld (2011) on the relevance of characters in narratives. The results indicate that the planets function as metaphors for the human condition, with each physical space serving as a reflection of the characters' emotional and existential states. It is concluded that the work uses space significantly, inviting the reader to a universal reflection on life and one's place in the universe.

KEYWORDS: *The Little Prince. Characters. Physical Setting. Existential Space.*

[1] Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Bacabal-MA, Brasil.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

RESUMEN
El libro El Principito (1943), de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), se analiza desde la perspectiva de la noción de espacio, que trasciende el mero escenario, entendiéndose como espacio físico y existencial. Este trabajo propone analizar la representación de dichos espacios, manifestada en las interacciones de los personajes y su relación con los entornos que habitan. El objetivo es demostrar que el espacio es una herramienta esencial para el desarrollo de temas centrales de la obra, como la soledad, la amistad, la responsabilidad y la comprensión mutua. La metodología adoptada fue el enfoque interpretativo de pasajes que resaltan los lugares visitados, explorando sus características físicas y sus significados simbólicos. La base teórica incluyó la revisión de la literatura existente y las contribuciones de Bachelard (2008) y Brandão (2013) sobre el espacio literario, y de Candido (2011) y Rosenfeld (2011) sobre la pertinencia de los personajes en las narrativas. Los resultados indican que los planetas funcionan como metáforas de la condición humana, y que cada espacio físico sirve como reflejo de los estados emocionales y existenciales de los personajes. Se concluye que la obra utiliza el espacio de manera significativa, invitando al lector a una reflexión universal sobre la vida y el lugar de cada uno en el universo.

PALABRAS CLAVE*: El Principito. Personajes. Espacio Físico. Espacio Existencial.*

INTRODUÇÃO

O livro “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry (1943), é uma obra fundamental da literatura infantojuvenil que transcende a aparente simplicidade narrativa para abordar questões existenciais e filosóficas inerentes à condição humana. Um dos aspectos de maior profundidade da obra reside na utilização dos espaços físicos — os planetas visitados pelo protagonista e a Terra — não apenas como cenários, mas como elementos simbólicos que refletem e influenciam os estados emocionais e psicológicos das personagens e, por extensão, as experiências humanas universais.

Considerando essa complexa dimensão simbólica do espaço, o presente estudo propõe o seguinte problema de pesquisa: como os espaços físicos (os planetas visitados e a Terra) e seus encontros com figuras como o rei, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios, o acendedor de lampiões, o geógrafo, o aviador, a serpente, a rosa, o eco e a raposa funcionam como metáforas para as experiências humanas universais e para a busca por significado em “O Pequeno Príncipe”? A Justificativa deste artigo reside na necessidade de examinar criticamente a intrínseca relação entre os espaços físicos e existenciais na obra, contribuindo para melhor compreensão da complexidade da condição humana através das experiências compartilhadas por suas típicas personagens. A análise se fundamenta na revisão crítica da literatura existente e na contribuição teórica de estudiosos como Bachelard (2008) e Brandão (2013), que teorizam o espaço na literatura, e de Candido (2011) e Rosenfeld (2011), que discutem a questão da personagem.

Portanto, este artigo tem como objetivo geral analisar a importância desses espaços na construção do significado e da profundidade da história, examinando como os locais visitados pelo pequeno príncipe delineiam um universo fictício e funcionam como metáforas para as experiências humanas universais. Para tal, o estudo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: explorar

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

como os lugares visitados e as interações que neles ocorrem convidam o leitor à reflexão sobre a natureza da solidão, da amizade, do amor e da busca por significado; analisar as passagens que ocupam os locais visitados, explorando suas características físicas e seus significados simbólicos; e integrar as perspectivas teóricas mencionadas para aprofundar o entendimento de como o espaço físico reflete estados emocionais e existenciais das personagens.

Ao final, a análise demonstra como a narrativa utiliza os planetas como metáforas para explorar temas como solidão, amizade e significado. Cada espaço físico, associado às figuras que os ocupam, é significativo, servindo não apenas como cenário, mas refletindo estados emocionais e existenciais, o que reafirma a genialidade literária de Saint-Exupéry e a capacidade da obra de transcender seu público original com sua mensagem filosófica sobre a vida e o lugar de cada um no universo.

1. O ESPAÇO NAS NARRATIVAS

A relação entre espaço e narrativa transcende a mera ambientação física, permeando profundamente a estrutura e o significado das histórias. O espaço não é apenas o cenário onde as personagens habitam, mas ele se torna um ator ativo na trama, moldando suas emoções, decisões e conflitos. As discussões que se firmam sobre o assunto revelam como o espaço é mais que um cenário estático, funcionando como um elemento dinâmico que contribui profundamente para a construção de significados e experiências dentro das obras literárias.

Nesse sentido, Bachelard, em *A Poética do Espaço* (2008), explora as profundezas psicológicas e poéticas do espaço na narrativa de maneira fenomenológica, propondo que ele transcende a dimensão física para se tornar um elemento vivo e dinâmico que molda a experiência humana e a imaginação. O autor utiliza a casa como alegoria do espaço vivido, argumentando que ela não é uma "caixa inerte", mas um refúgio emocional que abriga memórias e fantasias arraigadas.

Diferentes tipos de espaços, sejam eles de intimidade (como quartos) ou do desconhecido (como cavernas e florestas), evocam respostas emocionais e reflexões simbólicas, tornando o seu impacto psicológico fundamental para a construção da história. Bachelard resume essa visão ao afirmar que “o espaço habitado transcende o espaço geométrico" (Bachelard, 2008, p. 225). Assim, o entendimento do espaço na narrativa é indissociável de seu impacto psicológico e simbólico sobre as personagens. Nas palavras do autor:

> o espaço habitado transcende o espaço geométrico. Essa transposição do ser da casa em valores humanos pode ser considerada como uma atividade de metáforas? Não haverá mais nada além de uma linguagem carregada de imagens? Como metáforas, um crítico literário as julgaria exageradas. Por outro lado, um psicólogo positivo reduziria imediatamente essa linguagem carregada de imagens à realidade psicológica do medo de um homem enclausurado em sua solidão, longe de toda solidariedade humana. Mas a fenomenologia da

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

> imaginação não se pode satisfazer com uma redução que faz das imagens meios secundários de expressão (Bachelard, 2008, p. 17).

A partir de tal proposição, entende-se que o espaço vivido possui uma profundidade que vai além de suas medidas físicas. Ele é imbuído de significados e experiências pessoais, tornando-se uma extensão da vida e da identidade dos indivíduos na narrativa. Bachelard (2008) questiona se a transposição dos valores humanos ao espaço habitado pode ser vista como uma mera atividade de metáforas, desafiando a percepção convencional que limita o espaço a suas dimensões geométricas. Para ele, um crítico literário pode considerar essas metáforas exageradas, enquanto um psicólogo poderia reduzir essa linguagem poética a uma interpretação simplista da realidade psicológica, como o medo ou a solidão. No entanto, Bachelard advoga que a fenomenologia da imaginação não deve se satisfazer com tais reduções, pois as imagens poéticas são elementos fundamentais que refletem a complexidade da experiência humana com o espaço.

Nesse sentido, a imaginação, que é elemento constante em “O Pequeno Príncipe”, seria uma forma primária de viver e entender o mundo, que vai além da mera representação simbólica ou da explicação psicológica, como acontece em. Por meio da fenomenologia da imaginação, o autor sugere que o espaço habitado deve ser visto como uma experiência ontológica, onde o significado emerge não apenas da interação física, mas também das experiências e emoções que moldam a percepção do espaço. Assim, ele critica as abordagens que simplificam a relação entre o espaço e a experiência humana, defendendo uma compreensão que valoriza a riqueza e a profundidade da linguagem poética e imagética na construção da realidade e da identidade.

Paralelamente a Bachelard, Brandão (2013), no livro *Teorias do espaço literário*, ao tratar da representação do espaço no contexto literário, reconhecendo as variadas formas como ele pode se apresentar, cita que ele não deve ser visto apenas como um cenário físico onde a ação se desenrola, mas como um elemento profundamente integrado à estrutura e significado da obra literária. Essa concepção revela uma tendência que

> [...] é comum na crítica literária, que costuma enfrentar a questão do espaço com uma série de expressões derivadas: “espaço social”, “espaço psicológico”, “espaço mítico”, “espaço da linguagem”, “espaço imaginário”. Na proliferação terminológica o atributo costuma elidir, ou deixar em suspenso, o significado do vocábulo principal (Brandão, 2013, p. 51).

Entende-se que espaço na literatura pode ser entendido de várias maneiras além da sua dimensão física. Ele pode ser um reflexo das relações sociais, econômicas e políticas de uma época, funcionando como um espelho das condições históricas e ideológicas do momento da escrita. Essa abordagem ressoa com a ideia de "espaço social", onde o ambiente descrito na obra literária não é apenas um pano de fundo neutro, mas um componente ativo na construção do

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

significado. No entanto, no artigo “Espaços literários e suas expansões”, publicado em 2007, Brandão reconhece que

> com frequência nem se chega a indagar o que é espaço, pois este é dado como categoria existente no universo extratextual. Isso ocorre sobretudo nas tendências naturalizantes, as quais atribuem ao espaço características físicas, concretas (aqui se entende espaço como “cenário”, ou seja, lugares de pertencimento e/ou trânsito dos sujeitos ficcionais e recurso de contextualização da ação) (Brandão, 2007, p. 208).

A observação do autor evidencia a tendência da crítica em desconsiderar a complexidade do espaço, reduzindo-o a uma categoria extratextual, meramente funcional e física, o cenário. Essa visão naturalizante impede a exploração da dimensão simbólica ou poética do espaço, limitando-o à contextualização e ao trânsito dos sujeitos ficcionais. Tal crítica é crucial, pois legitima a necessidade de um estudo que transcenda a materialidade, buscando o papel ativo e existencial dos ambientes na construção da narrativa. Portanto, essa limitação teórica justifica a relevância de se analisar o espaço em “O Pequeno Príncipe” como metáfora e reflexo emocional.

É importante lançar diferentes olhares sobre o espaço no universo literário, enfatizando a importância do "espaço psicológico", em que o ambiente não é apenas um espaço físico, mas também um campo onde as emoções, percepções e subjetividades das personagens e narradores se manifestam e se entrelaçam. Isso se alinha com a interpretação de que o espaço literário pode ser um lugar onde as projeções psicológicas das personagens se revelam, proporcionando *insights* sobre suas motivações e estados de espírito. Assim, na perspectiva de Brandão:

> há também os significados tidos como translatos: o “espaço social” é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas segundo balizas mais ou menos deterministas; já o “espaço psicológico” abarca as “atmosferas”, ou seja, projeções, sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhagens variadas de abordagem da subjetividade, entre as quais são bastante comuns a psicanalítica e a existencialista (Brandão, 2007, p. 208).

A distinção proposta por Brandão entre os significados translatos do espaço é de importância capital para a fundamentação teórica desta investigação, fornecendo as balizas conceituais que permitem transcender a leitura meramente física ou descritiva. O autor, ao definir o "espaço social" como sinônimo de conjuntura histórica, econômica e ideológica, oferece uma ferramenta para a contextualização da obra, ligando o universo ficcional às forças deterministas do mundo extratextual. No entanto, o conceito de "espaço psicológico" é o que se alinha de forma mais intrínseca ao cerne desta pesquisa. Ao englobar as "atmosferas" — que são as projeções de sensações, expectativas, afetos e vontades das personagens e narradores — Brandão legitima a análise da dimensão subjetiva do espaço.

Essa linha de abordagem da subjetividade, notadamente a existencialista, é a que permite a interpretação dos diferentes planetas em “O Pequeno Príncipe” como verdadeiros espaços existenciais,

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

e não apenas cenários. Assim, a análise de Brandão expande a compreensão do espaço, destacando sua complexidade e múltiplas camadas de significado. Ele enriquece a interpretação crítica ao confirmar que os ambientes são reflexos ativos dos estados internos e da condição humana das personagens, transformando o espaço de mero fundo para veículo essencial de experiências humanas, como ocorre em “O Pequeno Príncipe”.

Como se demonstrou, as perspectivas de Bachelard e Brandão permitem romper com a visão do espaço como mero cenário, estabelecendo-o como uma categoria psicológica e existencial. Com este arcabouço teórico consolidado, a próxima seção se dedicará discutir a pertinência das personagens na narrativa e como sua interação com o espaço é crucial para conferir verossimilhança ao mesmo tempo em que assegura o caráter ficcional do texto literário.

2. O LUGAR DAS PERSONAGENS NA NARRATIVA

O espaço físico em “O Pequeno Príncipe” é crucial para a construção da narrativa e a compreensão das personagens. O protagonista viaja por vários planetas, cada um representando uma metáfora dos vícios humanos. Esses planetas são pequenos e únicos, refletindo diferentes aspectos do comportamento em sociedade. Nesse sentido, as personagens, sobretudo o pequeno príncipe e o aviador (narrador) ocupam dois lugares na narrativa: um lugar físico, que remete à ambientação da obra e evoca uma camada mais superficial de significado e de suas personalidades; e um lugar existencial, que se liga à jornada interior das personagens em busca de sentido e autoconhecimento, evocando uma camada de significado mais densa.

Nesse sentido, Antonio Candido, em seu texto "A Personagem do Romance" (2011), discute a complexidade e a profundidade das personagens literárias. Ele enfatiza a importância da organização estética do material narrativo para alcançar a verossimilhança e a efetividade da obra literária. Nesse sentido, a construção das personagens e seus espaços são cruciais para transmitir as intenções do autor e criar uma experiência envolvente para o leitor. Em “O Pequeno Príncipe”, por exemplo, é interessante observar a maneira como Saint-Exupéry constrói cada planeta e seus habitantes. Os planetas são meticulosamente desenhados para refletir os traços da personalidade e as lições de vida de cada personagem, dada a sua indissociabilidade, pois

> [...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (Candido, 2011, p. 51).

Percebe-se, portanto, a interconexão entre enredo, personagens, e o contexto em que elas vivem. A ideia central é que esses elementos são inseparáveis na literatura. Quando pensamos no enredo de uma história, automaticamente pensamos nas personagens que o compõem. Da mesma forma, ao considerar as personagens, somos levados a refletir sobre suas

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

vidas, problemas e destinos, que são moldados pelo tempo e pelas condições dos ambientes (nas dimensões física, psicológica e social) em que estão inseridas.

Essa relação é "praticamente indissolúvel", isto é, não se pode entender completamente um desses aspectos sem considerar os outros. O enredo não existe isoladamente das personagens, e estas não podem ser compreendidas sem levar em conta a história que vivem e o contexto que as circunda. Essa interdependência cria uma visão holística da narrativa literária, em que cada parte é essencial para o entendimento do todo. Assim, também não se pode pensar personagens e espaço de forma isolada, uma vez que ambos se correspondem quanto à construção da narrativa.

Ao discutir a questão da personagem no romance, Rosenfeld (2011) se aproxima dos pensamentos de Candido, ao propor também uma centralidade das personagens no que se refere à construção da realidade ficcional. Em seu texto "Literatura e Personagem", Rosenfeld discute a importância das zonas indeterminadas do texto que permitem a "vida" da obra literária e a força da presença existencial nas personagens. Ele argumenta que é nas ambiguidades e nas áreas não totalmente definidas do texto que as personagens ganham profundidade e complexidade, permitindo ao leitor uma interpretação mais rica e pessoal.

Assim, “o próprio cenário permanece papelão pintado até surgir o "foco fictício" da personagem que, de imediato, projeta em torno de si o espaço e tempo irreais e transforma, como por um golpe de magia, o papelão em paisagem, templo ou salão” (Rosenfeld, 2011, p. 30). As personagens são, assim, essenciais para dar vida ao espaço na literatura, pois sem elas, ele é apenas uma representação superficial, como "papelão pintado". Mas quando as personagens entram em cena, projetam suas percepções e emoções, transformando o cenário inerte em um ambiente vivo e significativo. Assim, o espaço ganha e reflete a profundidade das personagens, tornando-se parte integrante da construção narrativa e dos significados que ela evoca. Nesse viés,

> Há numerosos romances que se iniciam com a descrição de um ambiente ou paisagem. Como tal poderiam possivelmente constar de uma carta, um diário, uma obra histórica. É geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não-fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginaria (Rosenfeld, 2011, p 29).

O autor reforça que as personagens são os elementos mais evidentes que indicam a natureza ficcional de um texto. Muitos romances começam com descrições de ambientes ou paisagens, que poderiam muito bem-estar presentes em outros tipos de documentos, como cartas, diários ou até mesmo obras históricas. Essas descrições, por si só, não dão conta de expressar as propriedades significativas e figurativas do texto literário. É somente com a introdução de uma entidade viva, uma personagem, que o caráter fictício do texto se torna evidente. A presença de personagens permite a criação de uma situação concreta e dinâmica, na

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

qual a interação e a evolução delas dentro do ambiente descrito revelam a imaginação do autor. Cada detalhe adicional que é introduzido nessa situação contribui para a construção de um mundo imaginário, distinguindo a narrativa ficcional de um relato factual.

Portanto, a articulação das perspectivas de Candido (2011) e Rosenfeld (2011) com a noção de espaço ampliada por Bachelard (2008) e Brandão (2007) é fundamental para o propósito deste trabalho. Se, por um lado, as dimensões do espaço físico e existencial se estabelecem como categorias essenciais para a interpretação de “O Pequeno Príncipe”, por outro, são as personagens que agem como lentes focalizadoras, responsáveis por projetar significados e vida sobre esses ambientes. A indissociabilidade entre personagem e contexto mostra que os espaços no texto de Saint-Exupéry podem ser extensões simbólicas e psicológicas que ganham profundidade existencial através do olhar e da interação do príncipe com as personagens que os ocupam

3. MÉTODOS

O presente trabalho está baseado em pesquisa qualitativa, adotando a abordagem analítico-interpretativa para desvendar os significados simbólicos da obra “O Pequeno Príncipe” *(1943)*. O *corpus* de análise primário consiste na obra de Antoine de Saint-Exupéry (edição de 2015). O método de análise é a leitura interpretativa, aplicada às passagens que descrevem os seis planetas visitados e os ambientes-chave na Terra (deserto, jardim de rosas). Esta seleção intencional foca na correlação entre o espaço físico e a condição existencial das personagens.

A pesquisa bibliográfica subsidiou a interpretação, estabelecendo um arcabouço teórico sólido. Para a categoria espaço, foram mobilizados autores como Bachelard (2008) e Brandão (2013). Para a discussão da personagem e sua relação com o ambiente, utilizou-se o suporte de Candido (2011) e Rosenfeld (2011). Lentes conceituais adicionais, como as de Michel Foucault e Hannah Arendt, foram mobilizadas para enriquecer a discussão temática de planetas específicos.

Os procedimentos de análise visaram aplicar esses referenciais teóricos diretamente aos excertos textuais, correlacionando as características concretas dos ambientes com os estados psicológicos e existenciais das personagens. Este método permitiu uma interpretação em múltiplas camadas, para identificar o espaço como um elemento ativo e metafórico no desenvolvimento dos temas centrais da narrativa.

4. OS ESPAÇOS FÍSICOS E EXISTENCIAIS EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”

No livro de Saint-Exupéry, pode-se compreender cada planeta por onde a personagem principal viaja como uma metáfora para desenvolver temas relacionados a questões existenciais que perpassam cada habitante desses espaços. Nesse sentido, Gaston Bachelard explora como os espaços físicos são reflexos dos espaços internos e existenciais. Segundo ele, "a casa, a

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

nossa casa, é o nosso canto no mundo. É o nosso primeiro universo" (Bachelard, 2008, p. 27). Em "O Pequeno Príncipe", o príncipe "visitou seis planetas. Em cada um encontrou um novo personagem" (Saint-Exupéry, 2015, p. 15), cada um representando diferentes aspectos da condição humana.

O planeta do rei, por exemplo, simboliza o desejo de controle e ordem, um espaço onde a autoridade e a solidão coexistem, refletindo a crítica de Bachelard (2008) sobre a solidão nos espaços construídos pelo poder: "Os reis não possuem. Eles 'reinam' sobre. É muito diferente" (Saint-Exupéry, 2015, p. 38). O espaço físico do planeta do rei reflete a noção de poder e autoridade. O rei, que comanda um planeta minúsculo, simboliza a ilusão de controle, ele "sentava-se, vestido de púrpura e arminho, num trono muito simples, posto que majestoso. Ah! Eis um súdito, exclamou o rei ao dar com o principezinho (Saint-Exupéry, 2015, p. 30). Segundo Brandão (2007), o espaço é uma forma de estruturação textual, e aqui ele estrutura a narrativa para mostrar a vaidade e o isolamento do poder absoluto.

O rei é uma figura solitária que acredita ter autoridade absoluta sobre tudo e todos, mesmo que não haja ninguém para governar. Seu espaço físico é vasto, mas desabitado, refletindo seu espaço existencial vazio, onde seu poder é ilusório e sem propósito real. Se consideradas as proposições de Bachelard (2008), pode-se dizer que este espaço construído pelo poder se torna uma prisão, refletindo a solidão e a vaidade do rei. Na perspectiva de Brandão (2013), entende-se a estruturação textual do espaço como forma de focalizar o isolamento do poder absoluto. À luz de Candido (2011) observa-se que a personagem e o espaço são indissociáveis, com o rei sendo uma figura isolada por seu próprio poder, de maneira que o espaço é moldado à sua personalidade.

Seguindo para o planeta habitado pelo vaidoso, observa-se um espaço de superficialidade e narcisismo, no qual a única interação almejada pela personagem é a adulação: "Ah! Ah! Um admirador vem visitar-me! exclamou de longe o vaidoso, mal vira o príncipe. Porque, para os vaidosos, os outros homens são sempre admiradores" (Saint-Exupéry, 2015, p. 34). À luz de Bachelard (2008), esse ambiente físico, reduzido e isolado, funciona como um reflexo direto da mente do vaidoso, constituindo um espaço existencial vazio e sem substância real que focaliza a crítica à futilidade humana. A personagem é integralmente definida por esse ciclo de autoadoração e isolamento, evidenciando como o ambiente molda e reflete sua personalidade, e de que maneira essa prisão é tanto geográfica quanto psicológica

A materialização da vaidade em um ambiente físico rigorosamente delimitado, evidencia a indissociabilidade entre a personagem e seu contexto. O vaidoso está preso em um ciclo incessante de autoafirmação, habitando um planeta minúsculo que se reduz ao reflexo de sua própria imagem e à necessidade patológica de ser admirado. A escassez de visitantes e a ausência de diálogos genuínos transformam esse espaço físico em uma câmara de eco

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

existencial vazia, em que a vaidade, que o impede de ver além de si mesmo, é a própria arquitetura de sua prisão.

Essa limitação existencial imposta pelo ambiente confirma a perspectiva de que personagens e enredo estão profundamente interligados, com o espaço influenciando decisivamente o destino. Candido (2011, p. 53) explica que a linha do destino da personagem é "traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente". No caso do vaidoso, seu planeta não é apenas um cenário, mas sim a manifestação concreta e indivisível de sua condição ética e existencial, uma prova de que o ambiente e sua personalidade são mutuamente definidores da construção narrativa.

Passa-se, então, ao planeta do bêbado, onde o príncipe encontra um indivíduo que vive em um ciclo de autodestruição: “que fazes aí? perguntou ao bêbado, silenciosamente instalado diante de uma coleção de garrafas vazias e uma coleção de garrafas cheias. - Eu bebo, respondeu o bêbado, com ar lúgubre. - Por que é que bebes? perguntou-lhe o principezinho. - Para esquecer, respondeu o beberrão” (Saint-Exupéry, 2015, p. 36). O espaço físico é limitado e sombrio, refletindo seu estado de desespero e falta de propósito. Essa personagem simboliza a fuga da realidade e a incapacidade de lidar com os próprios problemas de maneira saudável.

O planeta do bêbado revela um círculo vicioso de vício e vergonha. Esse espaço físico reflete um estado existencial de desespero e fuga. Conforme as proposições de Bachelard (2008), tal espaço pode ser visto como um reflexo do interior perturbado do bêbado, uma representação da autodestruição e da incapacidade de agir diante do mundo. O bêbado, pois, se funde a esse espaço autoimposto de sofrimento.

O quarto planeta é habitado pelo homem de negócios cujo próprio afirma sobre si: "Eu sou um homem sério. Eu sou um homem sério” (Saint-Exupery, 2015, p. 37). O lugar habitado por essa figura séria é um espaço de produtividade e contabilidade incessante. Esse espaço físico reflete a obsessão com números e propriedade, um estado existencial de ausência de verdadeira conexão humana. Considerando a relação que Brandão (2013) discute sobre espaço e personagem, percebe-se que o homem de negócios vive em uma prisão de racionalidade sem coração, evidenciando uma crítica ao materialismo e à perda do significado na vida: “e de que te serve possuir as estrelas? - Serve-me para ser rico - E para que te serve ser rico? - Para comprar outras estrelas, se alguém achar. Esse aí, disse o principezinho para si mesmo, raciocina um pouco como o bêbado [...]” (Saint-Exupéry, 2015, p. 38). Percebe-se que tal personagem é vítima de seu próprio espaço de obsessão.

A esse ponto, é possível recorrer à teoria de Foucault (2013) sobre heterotopias, que ele define como lugares que representam, contestam e invertem todos os outros espaços existentes dentro de uma cultura. O autor aborda a relação entre espaços físicos e a organização social e mental dos indivíduos. Nesse sentido, considerando que o homem de negócios contabiliza

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

estrelas, acreditando possuí-las, esse planeta é uma heterotopia que contesta a lógica capitalista da propriedade e da acumulação. O espaço físico é austero e funcional, refletindo uma existência vazia de significado profundo. A obsessão do homem de negócios pela contabilidade das estrelas subverte a ideia de riqueza, revelando um espaço existencial de futilidade e desconexão com o valor intrínseco das coisas.

O quinto planeta, habitado pelo acendedor de lampiões, “era o menor de todos. Mal dava para um lampião e o acendedor de lampiões [...] (Saint-Exupéry, 2015, p. 39-40). Esse planeta é distintamente caracterizado pelo dever incessante e pela repetição mecânica. A personagem cumpre ordens de forma estrita, sem qualquer questionamento sobre o sentido de sua tarefa, mesmo após ela ter se tornado obsoleta e absurda. O espaço físico exíguo do planeta não apenas reflete, mas intensifica, a limitação de seu espaço existencial. A adesão cega ao "regulamento" transforma o trabalho em um símbolo da rotina desprovida de propósito e da perda de significado nas ações diárias, corporificando uma vida reduzida à obediência e à mecanização de hábitos.

O quinto planeta expõe uma das rotinas mais paradoxais e comoventes da obra. O acendedor de lampiões cumpre uma "tarefa terrível" em um ciclo incessante de acender e apagar, justificado unicamente pela força de uma ordem externa: "Regulamento é regulamento". Nessa submissão cega ao comando, desprovida de qualquer reflexão sobre o propósito ou a futilidade de sua ação, reside uma profunda ressonância com o que Hannah Arendt discute em *A Banalidade do Mal* (1999). Para Arendt, a banalidade do mal não se manifesta em grandes atos de crueldade demoníaca, mas sim na ausência de pensamento crítico e na adesão irrefletida a normas e burocracias. O acendedor não é maligno, ele é apenas irreflexivo, vivendo uma vida reduzida à execução mecânica de uma regra que ele mesmo não compreende. Seu espaço físico — o menor de todos, mal dando para um lampião — é um espaço existencial achatado, completamente definido pelo dever.

Personagem e espaço tornam-se um símbolo da fidelidade a um propósito ritualístico, uma representação da rotina e do dever social, pois o acendedor vive para seu trabalho, tendo sua identidade moldada por um ambiente ditado pelo "regulamento". A personagem, portanto, ilustra a tragédia da vida desprovida de sentido próprio, onde a lealdade ao sistema (o regulamento) anula a sua capacidade de julgamento e de vida plena, transformando seu trabalho em um fardo absurdo e eterno.

Para Foucault, esse espaço tipo de espaço revela como os sistemas de poder disciplinam os indivíduos, fazendo-os cumprir tarefas sem questionar, refletindo a crítica à alienação do trabalho mecânico e o apagamento da individualidade, numa espécie de disciplinarização do corpo e da mente. A representação do acendedor de lampiões serve como uma crítica à modernidade e ao capitalismo, que muitas vezes transformam o trabalho em uma atividade alienante. É interessante notar como personagem e espaço estão interligados, numa relação de

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

interdependência: as ações da personagem só se justificam naquele espaço, da mesma forma que o espaço está condicionado a tais ações.

Segundo Carlos Reis (2018, p. 190) “o pendor para a exteriorização, que é fulcral em qualquer processo narrativo, consuma-se na representação de ambientes, de espaços interiores e de trechos da cidade, bem como na difusa alusão (veremos em que termos) às figuras que a povoam”. Nesse caso, o planeta do acendedor de lampiões pode ser visto como uma alegoria para as condições desumanas que podem surgir em contextos de trabalho mecanizado e rotineiro, em que o indivíduo perde a capacidade de questionar e refletir sobre suas ações. No entanto, esse processo de exteriorização e de percepção crítica só é possível pela figura que povoa aquele espaço, o que demonstra que espaço e personagem estão unificados, isto é, as personagens também são espaços.

"Eu sou um geógrafo, mas não sou um explorador" (Saint-Exupéry, 2015, p. 44). É assim que se autoafirma a personagem que povoa o sexto planeta, uma figura que se dedica a registrar a localização de coisas que nunca viu pessoalmente. Seu espaço físico é um escritório cheio de livros e mapas, mas ele nunca sai para explorar. Essa personagem representa a desconexão entre o conhecimento teórico e a experiência prática, desconsiderando a importância de viver e experimentar o mundo, em vez de apenas estudá-lo de longe:

> Sou um geógrafo. Sei onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos" [...]. O seu planeta é muito bonito. Haverá oceanos nele? - Como hei de saber? disse o geógrafo. - Ah! (O principezinho estava decepcionado.) e montanhas? - Como hei de saber? disse o geógrafo. - E cidades, e rios, e desertos? - Como hei de saber? disse o geógrafo pela terceira vez. - Mas o senhor é geógrafo (Saint-Exupéry, 2015, p. 43).

O Geógrafo registra as características dos planetas sem nunca sair do seu escritório. Esse espaço é uma heterotopia do saber teórico desconectado da experiência prática. O isolamento da personagem em seu espaço simboliza a falha em compreender verdadeiramente o mundo ao confiar apenas em descrições alheias. O conhecimento incompleto reflete uma existência marcada pela distância e pela falta de envolvimento com a realidade. O planeta do geógrafo, nesse sentido, inverte o espaço do conhecimento prático, privilegiando a teoria desconectada da experiência.

Por último, a conselho do geógrafo, o pequeno príncipe chega à Terra, onde encontra uma multiplicidade de personagens, cada um representando diferentes aspectos da existência. Esta, como espaço físico, é vasto e diversificado, refletindo a complexidade e a diversidade das relações humanas. Tomando a teoria de Foucault (2013) sobre heterotopias, a Terra seria um espaço heterotópico que reúne todas as experiências e conhecimentos adquiridos nos outros planetas visitados:

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

> a Terra não é um planeta qualquer! Contam-se lá cento e onze reis (não esquecendo, é claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil negociantes, sete milhões e meio de beberrões, trezentos e onze milhões de vaidosos, isto é, cerca de dois bilhões de pessoas grandes. Para dar-lhes uma ideia das dimensões da Terra, eu lhes direi que, antes da invenção da eletricidade, era necessário manter, para o conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lampiões (Saint-Exupéry, 2015, p. 46).

Como já mencionado, na Terra a personagem principal encontra personagens distintos em espaços que mantem uma ligação direta com as características de cada um, de maneira que os significados da narrativa são evocados, principalmente, pela dinâmica de interação entre esses dois elementos. É no deserto (espaço que remete à solidão e introspecção) onde são inseridos alguns personagens, como a Serpente, por exemplo:

> [...] o principezinho, uma vez na Terra, ficou, pois, muito surpreso de não ver ninguém. já receara ter se enganado de planeta, quando um anel cor de lua remexeu na areia. - Boa noite, disse o principezinho, inteiramente ao acaso. - Boa noite, disse a serpente. - Em que planeta me encontro? perguntou o principezinho. - Na Terra, na África, respondeu a serpente. - Ah! ... E não há ninguém na Terra? Tu és um bichinho engraçado, disse ele, fino como um dedo... - Aqui é o deserto. Não há ninguém nos desertos. A Terra é grande, disse a serpente (Saint-Exupéry, 2015, p. 47).

A serpente oferece ao príncipe um meio de retornar ao seu planeta por meio de sua mordida venenosa: “eu posso ajudar-te a voltar à tua terra” (Saint-Exupéry, 2015, p. 48). Ela representa o espaço da transição e do retorno. O deserto, onde o príncipe a encontra, é um espaço físico que simboliza a passagem entre vida e morte e entre diferentes estados de ser. Numa visão bachelardiana, esse espaço pode ser visto como um limiar poético, no qual o físico e o existencial se encontram. Nesse contexto, a serpente é a figura que facilitaria a transição do príncipe, ajudando-o a completar seu ciclo narrativo. À luz de Rosenfeld (2011), tal personagem é uma representação da mortalidade e da transição, simbolizando a possibilidade de retorno e a conexão entre vida e morte. A serpente com o príncipe e o deserto representa, portanto, uma heterotopia de transição, um espaço que contesta a linha rígida entre vida e morte, sugerindo uma passagem para outra forma de existência.

Há muitas formas de se conceber a dinâmica dos espaços na narrativa, pois o corpo vai em direção a algum lugar, sendo ele próprio também um lugar (Foucault, 2013). Nessa perspectiva, o espaço (um mesmo espaço) oferece infinitas possibilidades desse corpo para o mundo: “o ser-no-mundo” (Silva, 2023, p. 221). Nesse sentido, de acordo com Tuan (2013), o espaço evoca liberdade, movimento, dinamicidade e, portanto, existência, pois, como afirma Bachelard (2008) o espaço que é sentido é o espaço que passa a existir.

Assim, em “O Pequeno Príncipe”, o mesmo deserto inóspito, que evoca solidão: “onde estão os homens? repetiu enfim o principezinho. A gente está um pouco só no deserto” (Saint-Exupéry, 2015, p. 48), também evoca esperança e torna mais belo aquilo que se vê pela ausência

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

daquilo que nele não há: “- As estrelas são belas por causa de uma flor que não se vê [...] E era verdade. Eu sempre amei o deserto. A gente se senta numa duna de areia. Não se vê nada. Não se escuta nada. E, no entanto, no silêncio, alguma coisa irradia...” (Saint-Exupéry, 2015, p. 60). Todas as personagens que o pequeno príncipe encontra no deserto refletem de alguma forma a “areia que irradia”, pois “o que torna belo o deserto, disse o principezinho, é que ele esconde um poço nalgum lugar” (Saint-Exupéry, 2015, p. 60). Há nesse ponto da narrativa, um trecho que dialoga diretamente com o que Bachelard (2008) menciona sobre o espaço da casa. Veja-se:

> Fiquei surpreso por compreender de súbito essa misteriosa irradiação da areia. Quando eu era pequeno, habitava uma casa antiga, e diziam as-lendas que ali fora enterrado um tesouro. Ninguém, é claro, o conseguira descobrir, nem talvez mesmo o procurou. Mas ele encantava a casa toda - Minha casa escondia um tesouro no fundo do coração. . . - Quer se trate da casa, das estrelas ou do deserto, disse eu ao principezinho, o que faz a sua beleza é invisível! (Saint-Exupéry, 2015, p. 60).

A esse ponto, compreende-se que o espaço, de fato, não se restringe àquilo que é observável ou, ainda, palpável. Portanto, existir “não é somente uma pré-disposição biológica, mas, sobretudo, ontológica [...], ou seja, vivenciar o espaço total (abstrato/existência/ “não se sentir em casa” / a “estranheza”) em direção ao espaço vivido (concreto/essência/ “sentir-se em casa” / conhecido)” (Silva, 2023, p. 222). No deserto também é que o príncipe encontra a flor do deserto, uma flor simples e modesta: “o principezinho atravessou o deserto e encontrou apenas uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzinha à toa...” (Saint-Exupéry, 2015, p. 49). Como uma personagem aparentemente delicada, se posta em contraste ao espaço (lugar) em que se encontra, a flor pode ser vista como um símbolo da simplicidade e resistência. Ela representa a beleza na adversidade e a capacidade de encontrar significado em ambientes hostis. Uma heterotopia que subverte a noção de desolação no deserto, mostrando que a beleza e a vida também (r)existem em lugares inesperados.

No deserto também entra na narrativa o eco, dado como uma personagem pela interação com o espaço (o vazio onde a própria voz pode reverberar) e com o próprio príncipe, que acredita ser ele um homem: "que planeta engraçado pensou então. É todo seco, pontudo e salgado. E os homens não têm imaginação. Repetem o que a gente diz...” (Saint-Exupéry, 2015, p. 50), assim diz o príncipe ao ouvir o eco.

O eco apenas repete o que o príncipe fala. Isso, associado ao espaço onde ele se encontra (o topo de uma montanha no deserto), faz do eco um símbolo da solidão e da busca por comunicação, uma metáfora para a necessidade de ser ouvido e compreendido, destacando a angústia do isolamento. No entanto, à luz de Foucault (2013), ele pode ser entendido também como uma heterotopia sonora, um espaço onde a voz é refletida e multiplicada, contestando a ausência de comunicação no deserto e invertendo a solidão do ambiente.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

A narrativa então é deslocada do deserto inóspito para o campo: “mas aconteceu que o principezinho, tendo andado muito tempo pelas areias, pelas rochas e pela neve, descobriu, enfim, uma estrada. E as estradas vão todas na direção dos homens” (Saint-Exupéry, 2015, p. 50). Nesse novo espaço conhece-se o jardim de rosas: “era um jardim cheio de rosas. — Bom dia, disseram as rosas. O principezinho contemplou-as. Eram todas iguais a sua flor. — Quem sois? perguntou ele estupefato. — Somos rosas, disseram as rosas” (Saint-Exupéry, 2015, p. 51).

Esse espaço vivo, onde o príncipe encontra inúmeras rosas idênticas à sua, é um espaço existencial de revelação sobre a singularidade e o valor do que é amado. Tal espaço desafia a noção de unicidade, mostrando que o valor das “coisas” depende das relações que se constrói com elas: “—Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante” (Saint-Exupéry, 2015, p. 56), disse a raposa ao príncipe após ele questionar o valor de sua rosa.

Ainda nesse espaço propício ao diálogo é que surge a raposa, talvez uma das personagens mais significativas que o pequeno príncipe encontra, pois é ela que o ajuda a compreender todo o processo que o levou até esse momento da narrativa, ensinando-o sobre a importância dos laços afetivos e do amor, deixando uma das lições mais sublimes do livro: “— Adeus, disse a raposa. Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos” (Saint-Exupéry, 2015, p. 56). A raposa representa o espaço da aprendizagem sobre vínculos e amor. O campo onde eles se encontram é um espaço físico que se transforma em um espaço existencial de compreensão e afeto. Essa personagem é uma espécie de mentor filosófico, que guia o príncipe em uma jornada de autoconhecimento e compreensão dos valores humanos mais profundos. A raposa e o pequeno príncipe constroem um diálogo carregado de subjetividade:

> [...] – Claro – disse a raposa. – Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outros raposa. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Será para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (Saint-Exupéry, 2015, p. 66).

O encontro dessas duas personagens releva uma ligação entre espaço/lugar e tempo alicerçada por experiências espaciais. Nesse contexto, merece destaque a palavra cativar dita pela raposa: “que quer dizer "cativar"? - É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa “criar laços” (Saint-Exupéry, 2015, p. 52). Cativar assume um sentido figurativo de cultivar afeto, o que requer tempo e dedicação, como bem diz a raposa: “a gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos” (Saint-Exupéry, 2015, p. 54). Pode-se compreender o espaço aqui como o “estar com o outro no mundo”, no sentido de entrega às relações de afeto mútuas.

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21
Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

O vínculo que se estabelece entre a raposa e o príncipe coloca o espaço habitado em segundo plano, transferindo a carga de significado para a presença dos dois naquele espaço: “o trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste. Mas tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo... (Saint-Exupéry, 2015, p. 54). A raposa descreve como o ato de ser cativada pelo príncipe transformará a sua percepção do mundo ao seu redor. Como se vê, o espaço, para a raposa, é condicionado pela chegada (presença) e pela partida (ausência) do príncipe, refletindo a entrega às relações de afeto mútuo.

O espaço físico que a raposa habita é menos significativo do que a presença do pequeno príncipe nele, pois a presença e a ausência dele transformam o significado do ambiente ao seu redor: uma traz vida e significado ao seu mundo, enquanto a outra implica um retorno à insignificância e à tristeza. Esse exemplo sublinha como o espaço físico é transformado pelo poder das relações afetivas e da experiência pessoal. O mesmo ocorre quando, ao final da narrativa, o aviador-narrador diz: “esta é, para mim, a mais bela paisagem do mundo, e também a mais triste (Saint-Exupéry, 2015, p. 71)”. A personagem referia-se ao retorno do pequeno príncipe ao seu planeta, o Asteroide B-612 e também sua casa. Em suma, a jornada do príncipe pelos seis planetas e a subsequente chegada à Terra demonstram de forma cabal que o espaço em Saint-Exupéry transcende sua função de cenário.

5. CONSIDERAÇÕES

A análise confirmou que a noção de espaço físico e existencial em *O “*Pequeno Príncipe” é o eixo estrutural que sustenta a reflexão filosófica da obra. O objetivo de investigar a representação desses espaços foi alcançado, demonstrando que cada planeta visitado e os ambientes terrestres, como o deserto, atuam como metáforas existenciais rigorosamente construídas. Cada local é um microcosmo que condensa um vício ou uma virtude humana, articulando a jornada exterior do protagonista com sua progressiva jornada interior de autoconhecimento e amadurecimento.

A fundamentação teórica, baseada nas proposições de Bachelard (espaço vivido), Brandão (expansão do espaço literário) e Candido/Rosenfeld (indissociabilidade entre personagem e ambiente), validou a tese de que o espaço transcende a mera função de cenário. Foi evidenciado que o espaço existencial é um reflexo direto do estado psicológico e da condição ética das personagens, sendo o ambiente ativamente moldado e transformado pelo olhar e pela interação de seus habitantes. Assim, a análise comprovou que a interdependência entre personagem e contexto é a chave para desvendar os significados mais densos da narrativa de Saint-Exupéry.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

O ponto culminante dessa dinâmica espacial é o encontro na Terra, onde o deserto, inicialmente um espaço de solidão, é ressignificado pelo estabelecimento de vínculos afetivos. A relação com a raposa sublinha a lição de que o valor das coisas e dos lugares depende do tempo investido e da responsabilidade sobre o que se cativa. O espaço físico, nesse momento, torna-se secundário à presença e à ausência, provando que o essencial, o afeto e a beleza verdadeira, é invisível aos olhos e existe na dimensão do sentimento.

Em conclusão, “O Pequeno Príncipe” transcende a classificação de literatura infantil ao utilizar o espaço como elemento ativo e semântico. A obra convida o leitor de todas as idades a uma profunda reflexão sobre a vida e a valorização dos laços humanos. Esta análise contribui para um entendimento mais rico e profundo de como a representação do espaço físico e existencial pode ser um poderoso veículo para transmitir as complexidades da experiência humana.

AGRADECIMENTOS

O autor expressa sua gratidão à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pelo imprescindível apoio financeiro, na modalidade de bolsa de mestrado (BM-08503/24) que tornou possível a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução: José Rubens Siqueira. 14. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, 2007, p. 206–220. Disponível em: https://doi.org/10.17851/2317-2096.15.1.206-220. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In:* CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 53-80.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, Asheterotopias**. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

REIS, Carlos. **Pessoas de Livro**: estudos narrativos sobre a personagem. 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In:* CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 11-49.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

SAINT-EXUPÉRY, Antonie**. O Pequeno Príncipe**. Tradução: Luis Fernando Imediato. São Paulo: Edição de Luxo, 2015.

SILVA, da Felipe Kevin Ramos. Geografia Existência na Obra O Pequeno Príncipe. **Revista Geonorte**, v. 14, n. 44, p. 216-237, 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2013.

ISSN: 2675-6218 - RECIMA21

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.